



## EDUCAÇÃO INCLUSIVA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Amanda Rodrigues Tavares Modzinski<sup>1</sup>(UEG)  
Anyelle Vasconcelos Rezende Montagnini<sup>2</sup>(UEG)  
Natalia do Amaral Borges<sup>3</sup>(UEG)  
Carla Salomé M. de Souza<sup>4</sup>(PPG-IELT/UEG)

### GT 07 – ESTÁGIO SUPERVISIONADO

#### RESUMO

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência sobre a primeira fase do Estágio Supervisionado em docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental, realizado em uma escola pública de ensino fundamental, durante o curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Inhumas. Tem como finalidade, analisar a importância das primeiras experiências vividas no estágio para a formação de futuros professores, no tocante à temática “Educação Inclusiva e a Formação de Professores”. A partir do entendimento do estágio como um momento de fundamental importância na formação do professor e a partir dos pressupostos teóricos de alguns autores de referência na temática a ser discutida, tais como, Pimenta (2012), Mantoan (2011), Machado (2011), Reis (2006), dentre outros, tem como objetivo apresentar algumas reflexões realizadas com base nos primeiros momentos de inserção e de observação da escola, em seu contexto geral e da prática pedagógica em sala de aula. Como primeiros resultados, ressalta-se que o estágio nessa primeira fase de observação, oportunizou vivenciar as tensões e desafios na formação de professores, na perspectiva da educação inclusiva, pois o trabalho nessa perspectiva é, de fato, um grande desafio ainda na sociedade atual. Desse modo, abordaremos as principais orientações que norteiam a formação docente para a prática inclusiva nas escolas de ensino regular. O professor que ensina, com base nos princípios da educação inclusiva, exerce um trabalho colaborativo com os demais, pois, visa acima de tudo, a inserção e permanência de todos os alunos, trabalhando de forma que os mesmos possam se interagir e aprimorar suas habilidades independente de qualquer motivo.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva. Formação de Professores. Estágio Supervisionado.

1Graduanda no 4º ano do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) Câmpus Inhumas, e-mail: amje.rt@gmail.com

2Graduanda no 4º ano do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) Câmpus Inhumas, e-mail: anyelle\_rezende@hotmail.com

3Graduanda no 4º ano do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) Câmpus Inhumas, e-mail: borgesnati15@gmail.com

4 Mestranda pelo programa de Pós-graduação em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (PPG-IELT/UEG), especialista em Docência Universitária pela FAGO/GO (2005), especialista em Educação para a Diversidade e Cidadania pela Faculdade de Direito, PDH da UFG/GO (2012) e especialista em LIBRAS pela Faculdade Delta (2013). Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Inhumas, e-mail: c.salome@hotmail.com



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute sobre a educação inclusiva e a formação de professores do ponto de vista teórico e prático, considerando nossas vivências na escola campo. Trata-se de um relato de experiências através da primeira fase do estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino básico da rede pública de ensino. Apoiamos na realização de uma pesquisa bibliográfica, considerando a seguinte problemática: como tem sido a formação de professores e articulação do ensino, tendo em vista a diversidade e a inclusão?

Nesse sentido, este trabalho, tem como finalidade investigar a necessidade de que o professor realize seu trabalho tendo em vista a diversidade humana, salientando que, este não é o único responsável por esse processo que demanda o envolvimento de diversos setores sociais.

Para discutir esse assunto, estudamos alguns autores que tratam deste tema, como Pimenta (2012), Mantoan (2011), Machado (2011), Reis (2006). Esses autores apoiaram-nos nas discussões e fundamentações sobre a diversidade no ambiente escolar, formação de professores e práticas inclusivas.

Este trabalho se apresenta em dois momentos distintos. Primeiro abordamos a revisão teórica a respeito da importância do estágio supervisionado. No segundo momento, relatamos nossas vivências de observação na escola-campo, discutindo a indissociabilidade teoria e prática ligada à formação docente.

### 1. O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE

O estágio supervisionado é a possibilidade que os acadêmicos possuem para terem contato com a realidade na qual irão trabalhar depois que concluírem o curso. Assim, deve-se ressaltar a importância desse momento para a vida profissional e pessoal do acadêmico, pois é aqui que o mesmo poderá refletir sobre a teoria e a prática, fazendo então uma ação-reflexão-ação diante da realidade em que se encontra. De acordo com Santos (2014)

[...] O papel do estágio é o de possibilitar ao profissional em formação uma visão ampla e profunda do processo e da prática educativa; é um campo de



possibilidades oferecido aos estagiários de refletir, de estabelecer relações entre as variáveis que compõem a docência e articular propostas concretas para a construção de uma prática educativa transformadora. (SANTOS, 2014, p. 44).

Assim, construir uma prática educativa que seja transformadora necessita de uma formação teórica que seja articulada com o contexto em que o acadêmico irá trabalhar vinculado com os conhecimentos pedagógicos, pois são muitos os desafios na prática docente, sendo que o objetivo principal do estágio é aproximar o estagiário da realidade profissional na qual irá atuar.

Dessa forma, Santos (2014) acrescenta ainda que essa fase do estágio supervisionado é um processo que contribui para que o acadêmico construa sua identidade, pois proporciona aos estagiários “momentos de refletir e vislumbrar futuras ações a partir de estudos, vivências e análise dos entraves e possibilidades do seu campo profissional”. (SANTOS, 2014, p. 45).

É a partir desses momentos, que o estagiário se torna um pesquisador, pois é através das situações reais que é elaborado o projeto de intervenção, o que, de fato, necessita de uma postura investigativa, um olhar reflexivo e atento para compreender, problematizar e analisar as situações vivenciadas na escola campo. Neste entendimento, Pimenta e Lima (2005/2006, p.14) afirma que:

A pesquisa no estágio, como método de formação dos estagiários futuros professores, se traduz pela mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam. Mas também e, em especial, na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam.

O exercício da práxis é fundamental para que as pesquisas resultem em projetos/intervenções que sejam significativos tanto para o processo formativo do estagiário como também para a formação dos alunos da escola campo. Neste sentido, é necessário que o estagiário estabeleça uma relação entre teoria e prática, para vivenciar experiências que sejam relevantes e significativas para a construção de novos saberes e práticas pedagógicas.

Portanto, a experiência do estágio é essencial para uma formação integral, pois este propicia o conhecimento para além da base teórica, permitindo uma vivência real do cotidiano



social da escola e seus desafios, indo além de uma simples exigência acadêmica, permitindo um agregado na bagagem profissional do futuro docente.

É importante destacar que durante o período de estágio, o discente, ao desenvolver os projetos, deve buscar realizar uma intervenção de forma a evidenciar e valorizar o seu trabalho, interferindo de forma crítica e reflexiva, visando a construção de uma educação de qualidade, inclusiva e transformadora.

Sabendo que a escola possui um contexto plural, no que diz respeito à diversidade, desenvolver práticas inclusivas, é de fato, uma forma de atender toda a demanda, sem segregar nenhum sujeito.

Desse modo, a formação docente necessita estabelecer uma ponte entre ensino e inclusão, pois sabe-se que o ambiente escolar é composto por um público diverso e por esse motivo Reis (2013, p. 142) diz que “a questão da formação de professores ainda é um grande desafio para a implementação e concretização de práticas pedagógicas capazes de colocar em evidência a diversidade como ponto de partida para uma educação inclusiva”.

Neste sentido, a formação de professores deve perpassar e evidenciar as relações sociais de modo geral, segundo Gonzáles (2002, p. 251), “o certo é que não só os alunos são diferentes, mas também os professores – e ser diferente é uma característica humana e comum, não um atributo (negativo) de alguns”. Entende-se com isso, que a diferença é uma característica humana e não um atributo negativo de alguns.

Partindo desses pressupostos, a inclusão na escola não se dirige apenas aos “diferentes”, mas a todos os alunos, sem nenhuma distinção. Daí nos interessa conhecer e refletir a formação docente para atuar na diversidade.

Sabe-se que para que a inclusão seja uma realidade genuína e não apenas discurso é necessário a adaptação do ambiente escolar, mas não apenas isso, a formação continuada e permanente com foco na diversidade é de completa importância nesse processo. Assim sendo se constitui o objetivo de analisar a formação de professores de uma escola da rede regular do Ensino público de Inhumas (GO), a fim de identificar práticas pedagógicas voltadas para inclusão e para as diversidades presentes no contexto escolar.

Quando pensamos em todos esses aspectos e desafios, justificamos mais uma vez a importância do estágio na formação, pois este se estabelece como campo da pesquisa,



considerando que o futuro professor deve estar sempre buscando aprimorar sua formação diante de uma realidade que já está posta, contudo que pode ser objetivo de estudo e interferências.

## 2. RELATO DE EXPERIÊNCIAS

O presente relato fundamenta-se nas experiências desenvolvidas na prática do estágio supervisionado, o qual é requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia. Neste período da formação, nós acadêmicas realizamos uma observação da realidade da escola campo e as carências da mesma, o que foi possível ter uma reflexão acerca da educação inclusiva que se faz presente na escola campo.

A instituição que possui vínculo de parceria com a Universidade é da rede estadual de ensino e de tempo integral. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, estão matriculados 174 alunos, 24 professores e 9 profissionais administrativos. A comunidade estudantil atendida abrange uma faixa etária de 06 a 10 anos do Ensino Fundamental anos iniciais. Tal comunidade discente é **oriunda** dos setores urbanos e rurais, vindos de família de classe baixa, média e alta, em todos os níveis de instrução. (PPP, 2018).

Diante disso, no tocante a educação inclusiva, pode-se perceber que a escola faz um trabalho que realmente envolve essa modalidade, pois de acordo com o PPP,

as escolas devem buscar formas de educar as pessoas com deficiência bem sucedidamente, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas, e que dentro do campo da educação isso reflita no desenvolvimento de estratégias que procurem promover a genuína equalização de oportunidades. (PPP, 2018).

Assim, durante as observações, foi possível perceber que a escola possui a Sala de Recurso Multifuncional, espaço em que ocorre o atendimento educacional especializado com as crianças que possuem deficiências físicas, sensoriais e intelectuais, de modo que auxilie no desenvolvimento de todas as habilidades. Desse modo, fica visível que a escola busca adotar práticas inclusivas que visam as reais necessidades dos alunos, entretanto percebemos que em alguns momentos as crianças que possuem mais dificuldades deveriam receber uma atenção especial de acordo com suas especificidades, o que demanda um trabalho conjunto da comunidade escolar.



Neste contexto, para que ocorra o sucesso da aprendizagem é necessário que o professor estabeleça uma metodologia que abrange toda a turma, sem abordar conteúdos específicos para as crianças ditas especiais, pois “os alunos não têm o mesmo tempo de aprendizagem e traçam diferentes caminhos para aprender”.(MACHADO, 2011, p. 70).

Mantoan (2015, p. 72), corrobora afirmando que:

O ponto de partida para ensinar a turma toda, sem diferenciar o ensino para um aluno ou um grupo de alunos, é ter como certo que a diferenciação será feita pelo próprio aluno ao aprender e não pelo professor! Essa inversão é fundamental para que se possa ensinar a turma toda sem sobrecarregar inutilmente o professor, que por vezes é obrigado a criar e selecionar atividades e a acompanhar grupos diferentes de alunos a fim de igualar o aprendizado da turma.

Destaca-se que o corpo docente é constituído por dezesseis professores efetivos, e oito temporários, o que permite uma maior estabilidade no trabalho da unidade Escolar. Com relação a formação de professores a instituição propicia momentos de construção do plano de aula e estudos para além das salas de aula, o que requer uma maior dedicação por parte do professor no que tange a busca por formação continuada, visando a aquisição de metodologias diversificadas.

Sabemos que em uma sala de aula, o professor tem contato com uma diversidade de alunos, apresentando realidades diferentes, tanto no que diz respeito ao aprendizado, como também no contexto familiar e social em que vive. Assim, cabe ressaltar que a educação inclusiva é uma questão que vem sendo bastante discutida, pois como afirma Ferreira (2015, p. 41 e 42)

[...] toda criança tem direito à educação de qualidade e de que, portanto, os sistemas educacionais tem que mudar para poder responder a essas necessidades. Na educação inclusiva defendemos que todas as crianças são especiais [...]. Como crianças especiais, todas têm direito de acesso à educação e de conviver com as crianças de seu próprio bairro, seus irmãos, seus colegas, seus pais ou familiares e todas merecem nossa atenção, cuidado e aperfeiçoamento.

Neste entendimento, pode-se afirmar que a educação inclusiva deve incluir todo e qualquer aluno, não somente alunos com necessidades especiais, mas também alunos com baixa renda, deficiências físicas, mentais e sensoriais, alunos com altas habilidades/superdotação, entre tantos outros.



Sendo assim, é importante destacar que a educação inclusiva não distingue classe social, religião, sexo ou até mesmo cor. Ela consiste em fazer com que o indivíduo participe efetivamente do ensino regular, promovendo o desenvolvimento cognitivo e intelectual de todos, buscando sempre um menor número de evasão escolar.

Escolas ditas inclusivas devem considerar “todas as crianças e suas necessidades educacionais, pessoais, emocionais, familiares, etc. Uma escola inclusiva deve ser humanística, no sentido de assumir a formação integral da criança e o jovem como sua finalidade primeira e última” (FERREIRA, 2005. p. 43).

Neste contexto, fica claro o papel da educação inclusiva, que é aquela que não proporciona exclusividade apenas às crianças com algum tipo de deficiência, mas sim aquelas menos desfavorecidas, que se encontram em desvantagem das demais.

Segundo Mantoan (2015), a escola deve atender a todos em suas especificidades e particularidades, quando se fala em todos é de fato todos, não se refere apenas aqueles que possuem algum tipo de necessidade especial, mas se agrega de forma direta todos que por algum motivo específico estão à margem da sociedade. A autora diz ainda que:

“A escola, para muitos alunos, é o único espaço de acesso aos conhecimentos. É o lugar que vai proporcionar-lhes condições de se desenvolverem e de se tornarem cidadãos, alguém com uma identidade sócio-cultural que lhes conferirá oportunidades de ser e de viver dignamente” (MANTOAN, 2015, p. 53).

Partindo desses pressupostos a escola deve ser esse espaço que forma para a cidadania e o viver dignamente, sem caber a mesma o direito de aceitação e distinção. Nesse sentido, surge a necessidade de uma formação que abarque essas mudanças e a proposta de um contexto escolar inclusivo. Segundo (GOFFREDO, 1999, p. 68), “precisamos, então, insistir com seriedade na formação inicial e continuada dos profissionais da educação”.

De acordo com Mantoan (2015, p. 81), “a inclusão escolar não cabe em uma concepção tradicional de educação. A formação do professor inclusivo requer o redesenho das propostas de profissionalização existentes e uma formação que também muda”.

Como afirmam Almeida *et al.* (2007, p. 336), “formar o professor, então, é muito mais que informar e repassar conceitos; é prepará-lo para um outro modo de educar, que altere sua relação com os conteúdos disciplinares e com o educando”.



Para tanto, é necessário que a escola, professores e todos os envolvidos no processo didático-pedagógico se envolvam e contribuam para a construção e transformação de um modelo pedagógico que disponibilize um ensino de qualidade que atenda a todos e priorize o que cada aluno tem de melhor. Segundo Almeida *et al* (2007, p. 333-334),

é fundamental que a escola atual aprimore suas ações pedagógicas, visando o atendimento às diferenças. [...] é imprescindível a transformação desta na busca de novas alternativas metodológicas que proporcione um ensino de qualidade. Mudar a escola exige trabalho de todos os envolvidos no processo, e assim sendo, é preciso colocar a aprendizagem como eixo norteador das práticas educativas, para que os alunos aprendam a partir de suas potencialidades.

Com isso, nota-se a importância do processo de formação do professor da educação especial, pois este profissional, em seus momentos de atuação, irá se deparar com uma diversidade de situações em que é necessário agir de forma a contribuir para a formação efetiva do educando, sem diferenciar o aluno por necessidade física, intelectual, raça, cor, gênero, religião, etc.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível notar que o estágio supervisionado sem dúvida é um período de grandes oportunidades para ampliar os conhecimentos e aprimorar mais a formação docente, pois é através deste que se têm o contato com a realidade na qual o futuro docente irá trabalhar. Além disso, o estágio proporciona uma visão ampliada sobre a realidade, o que permite ao estagiário intervir no aspecto que exige mais atenção no momento.

A educação inclusiva, aspecto que foi observado no agrupamento da escola campo, é de grande importância para os alunos, pois esse trabalho, na sociedade atual, é de grande importância, uma vez que o grande número de público alvo nas escolas públicas exigem uma atenção diferenciada, no que diz respeito a verdadeira inclusão no sentido de incluir qualquer aluno em todas as atividades realizadas em sala e fora dela, além de fazer com que os mesmos se interagem e possam desenvolver todas as habilidades necessárias durante o período escolar.

Para que seja realizada uma prática transformadora, é necessário que o futuro professor esteja sempre desenvolvendo a ação-reflexão-ação, pois dessa forma o mesmo



poderá reavaliar suas metodologias e projetos, visando sempre as estabelecer melhorias em sua prática para que os alunos possam desenvolver e ampliar os conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dulce Barros *et al.* **Política educacional e formação docente na perspectiva da inclusão.** Revista do Centro de Educação – UFSM. Santa Maria, RS.v. 32, n. 2, p. 327-342, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/reeducacao/article/viewArticle/677>

FERREIRA, Windys B. Educação Inclusiva: será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos??? **Inclusão:** Revista da Educação Especial. Ministério da Educação. Out. 2005.

GOFFREDO, V. L. FlôrSénéchal. Como formar professores para uma escola inclusiva? In: BRASIL. Ministério da Educação. **Educação especial: tendências atuais.** Brasília: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SEED, 1999.

GONZÁLEZ, J. A. T. **Educação e diversidade:** bases didáticas e organizativas. trad. Rosa Ernani. Porto Alegre: ARTMED, 2002

LÜDKE, Menga; ANDRÉ Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Rosângela. Educação Inclusiva:revisar e refazer a cultura escolar. In. MANTOAN, Maria Teresa Eglér. (org.). **O Desafio das Diferenças nas Escolas.** 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 69-75.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções.** Revista Poíesis-Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006, p. 5-24.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas. **Política pública, diversidade e formação docente:** uma interface possível. 2013. 278 f. Tese (Doutorado em Ciências, em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento). Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, Lindalva Pessoni. **O Estágio Supervisionado e o/a Professor Supervisor/a:**a construção de saberes e fazeres necessários à prática educativa. III Semana de Integração, XII Semana de Letras e XIV Semana de Pedagogia – “Educação e Linguagem: novos olhares, novas possibilidades de ensino.UEG – Câmpus Inhumas: 2 a 7 de junho de 2014, p. 44-48.